

BATALHÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS: HISTORIOGRAFIA DO SURGIMENTO DO BOPE

SPECIAL OPERATIONS BATTALION: HISTORIOGRAPHY OF THE BOPE

MISSEL, Israel Magalhães ¹
GOMES JUNIOR, Cláudio Antônio de Oliveira ²

RESUMO

O presente artigo buscou apresentar a história do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado de Goiás, desde o início das Operações Especiais pelo mundo até os seus primeiros passos no Brasil e em Goiás, a criação do BOPE e o primeiro curso realizado pela unidade no estado. Como podemos perceber, o Batalhão tem uma história muito importante para o Estado e se mostra cada dia mais, já que realizam missões de alto risco. Assim, os militares que fazem parte da unidade, sejam eles Caveiras, Cateanos, Explosivistas ou Atiradores de Precisão, são diferenciados, com um espírito de cumprimento de missão que não se encontra facilmente em outros policiais, eles passam por diversos treinamentos e buscam aperfeiçoar suas técnicas através de treinos específicos.

Palavras-chave: Operações Especiais. BOPE. Polícia Militar.

ABSTRACT

The present article sought to present the history of the Special Operations Battalion of the Military Police of the State of Goiás, from the beginning of Special Operations throughout the world to its first steps in Brazil and Goiás, the creation of the BOPE and the first course carried out by the unit in the state. As we can see the Battalion has a very important history for the State and shows itself more and more, since they carry out missions of high risk. Thus, the soldiers who are part of the unit, whether they are Caveiras, Cateanos, Explosivistas or Sharpshooters, are differentiated, with a spirit of mission fulfillment that is not easily found in other police officers, they undergo several training and seek to perfect their through specific training.

Keywords: Special Operations. BOPE. Military Police.

¹ Aluno do Curso de Formação de Praças do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás - CAPM, israelmessel@gmail.com; Goiânia – GO, Junho de 2018.

² Professor orientador: Especialista, professor do Programa de Pós-Graduação e Extensão do Comando da Academia da Polícia Militar de Goiás CAPM, claudiojunioroficialpmgo@gmail.com, Anápolis – GO, Junho de 2018.

1 INTRODUÇÃO

Mesmo antes do nascimento de Jesus Cristo pequenos grupos de guerreiros eram utilizados para cumprir missões sigilosas que podiam fazer a diferença na história da guerra, esses guerreiros eram treinados para realizar sabotagem dentro das linhas inimigas. Um dos exemplos mais conhecidos é o do cavalo de madeira, gigante e oco, utilizado pelos guerreiros gregos e entregue aos troianos, que por sua vez aceitaram imaginando ser uma maneira que os gregos utilizavam para dizer que estavam se retirando do campo de batalha, entretanto, no interior do objeto havia soldados, foi a forma que os gregos encontraram de entrar na fortaleza troiana e dar um novo rumo à guerra.

Com o passar dos séculos foram sendo utilizadas técnicas de sabotagem ou de ataque por pequenos grupos de soldados, que ficaram conhecidos como operadores de missões especiais e os grupos chamados de Operações Especiais. Mesmo sendo utilizados desde a antiguidade, só ficaram mundialmente conhecidos a partir da Segunda Guerra Mundial. Um desses grupos, que surgiu durante a guerra, é o SAS (Special Air Service), um grupo de soldados selecionados e treinados para missões de altíssima importância, alguma dessas missões eram a de sabotagem e ataques a quartéis alemães.

No Brasil, as Operações Especiais começaram no ano de 1957, no Exército Brasileiro, que realizou o seu primeiro curso de Operações Especiais. Já na atividade policial o início se deu no Rio de Janeiro, em 1978, com o Núcleo de Operações Especiais (NuCOE), vindo mais tarde a ser chamado de Batalhão de Operações Especiais.

Já no estado de Goiás, o início das Operações Especiais foi em 1989, com o Grupo Antissequestro (GAS), pelotão pertencente à 3ª Companhia Independente da Polícia Militar – Companhia de Operações Especiais (3ª CIPM – COE), que anos depois seria transformado em Batalhão de Choque. No início dos anos 90, a 2ª Companhia do Batalhão de Choque, formava o Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE).

Na 2ª Companhia, ainda integrante do Batalhão de Choque, realizou o 1º Curso de Operações Especiais no ano de 2005, com um total de 15 policiais militares pertencentes ao GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais), os quais já eram detentores de experiência no desenvolvimento dessa atividade. Apesar das grandes dificuldades, os policiais militares se tornaram os possuidores do 1º Curso de Operações Especiais realizado pela Polícia Militar do Goiás (PMGO).

No ano de 2013, a companhia supracitada se tornou independente e passou a ser chamada de Companhia Independente de Operações Especiais mantendo suas atribuições e atuações em todo o estado de Goiás. Operando em ocorrências de crise.

Com o crescimento das ocorrências que envolviam as Operações Especiais foi criado, em 2014, o 35º Batalhão da Polícia Militar também chamando de Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE), composto por três companhias em sua estrutura, 1ª Companhia de Operações Especiais (COE), 2ª Companhia de Atiradores de Precisão (CAP) e 3ª Companhia Antibomba (CAB).

O presente artigo científico buscou falar sobre as Operações Especiais, desde a antiguidade até os dias de hoje, e sua importância, seja na guerra ou na atividade policial civil ou militar. No Brasil existem diversas corporações que exercem essas funções. No estado de Goiás, o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar (BOPE) é um dos responsáveis por desempenhar tal atividade, por isso o presente trabalho foi elaborado para contar a história do seu surgimento e para preservar a história do Batalhão tanto para a Polícia Militar como para as futuras gerações, para que não sejam esquecidas as origens desta grandiosa e importante Unidade da Polícia Militar.

Assim sendo, para a elaboração deste trabalho foram utilizadas obras bibliográficas e pesquisas em portais da internet. Inicialmente, mediante consulta a obras bibliográficas, verificou-se como foi iniciada a utilização de guerreiros para o cumprimento de missões especiais.

Também foi possível explanar como surgiu o BOPE no estado de Goiás. Sendo que o primeiro curso de Operações Especiais, realizado pela PMGO, aconteceu no ano de 2005, idealizado pelos Oficiais que haviam feito o curso no estado do Paraná, na década de 90.

Por fim, diante de todo conteúdo pesquisado, foi possível verificar a relevância histórica da criação do BOPE na Polícia Militar do Estado de Goiás, e as Operações Especiais no Brasil e no Mundo, pois estes homens demonstram que mesmo em um pequeno número são capazes de fazer a diferença frente ao combate.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 OPERAÇÕES ESPECIAIS NA ANTIGUIDADE

As Operações Especiais surgiram na antiguidade, até mesmo antes de se utilizar o nome de Operações Especiais, guerreiros eram empregados em missões de natureza especial. O inventor das primeiras unidades especiais foi o guerreiro hebreu Gideão. O livro dos Juízes revela como, em 1245 a.C, ele iludiu e venceu os adversários midianitas, Denécé (2009). Devido ao número reduzido de homens para esse tipo de missão, eles utilizavam meios para enganar o inimigo, se aproveitando da surpresa, deixando-os desorientados, e, assim, concluindo seu objetivo.

2.2 INÍCIO DOS COMANDOS

Com o passar dos anos e a evolução das guerras e das armas, o aperfeiçoamento dos exércitos aumentou e, diante disto, cresceu a necessidade de uma tropa especializada, soldados que tivessem a capacidade de cumprir missões de extrema periculosidade e com poucos componentes na equipe. Mas foi durante a 2ª Guerra Mundial que esse tipo de tropa começou a ter seu emprego mais utilizado, onde esses homens ficaram conhecidos como “Comandos”.

No século XIX, os exércitos europeus buscavam expandir suas colônias além do mar, durante esta busca a Grã-Bretanha travou uma guerra com duas Repúblicas Bôeres independentes, o Estado Livre de Orange e a República Sul-Africana (República do Transval).

A Grã-Bretanha estava empenhada numa tarefa da mais alta importância para o futuro do Império: a sufocação da guerra dos BOERS, no Transval e Orange. Descendentes dos antigos colonos ingleses e holandeses daquela parte da África, na ânsia de conseguir sua independência, haviam se rebelado contra a metrópole, iniciando a luta que os tornaria mundialmente

famosos pela bravura com que defenderam seus ideais. (BAXTER, 1942, p. 07).

Durante a guerra dos Bôeres no século XIX, existiam guerreiros locais que lutavam de uma forma diferente, eram rápidos e conheciam muito bem o local que estavam lutando, eles ficaram conhecidos como *kommandos*.

A unidade de combate bôer era o *kommandos*. A definição bôer para o termo era bem diferente da que os exércitos europeus modernos atribuem à palavra. Entre os bôeres, *kommando* era a unidade militar do distrito eleitoral no qual estavam inscritos todos os cidadãos do local em idade de alistarem-se. Esses homens recebiam para isso treinamento regular. Em campo, os *kommandos* fundiam-se à imensidão sul-africana. Eram rápidos, conheciam admiravelmente bem o terreno, eram excelentes atiradores, cavaleiros notáveis, resistentes e sóbrios, e fizeram as tropas britânicas, pesadas e de pouca mobilidade, passarem por dificuldades. (DENÉCÉ, 2009, p. 18).

A atuação dos militares nas Operações Especiais ficou mais evidente durante a 2ª Guerra Mundial. Como, por exemplo, os grupos paraquedistas alemães, que usaram técnicas de guerrilha para cumprir suas missões.

O efeito surpresa permitiu aos atacantes contar com preciosos minutos: num primeiro momento, apenas quatro metralhadoras de defesa antiaérea abriram fogo. Sob os disparos, um dos planadores mergulhou diretamente sobre uma dessas armas – o que permitiu aos paraquedistas ataca-la, o aparelho ainda abateu uma segunda metralhadora com a sua asa. Rapidamente, as cargas ocas reduziram as casamatas blindadas ao silêncio. De resto, foi tudo mais fácil do que parecia: algumas torres eram falsas. Em menos de 15 minutos, 60 paraquedistas dominaram uma fortaleza defendida por mil combatentes. (DENÉCÉ, 2009, p. 30).

Durante a Guerra dos Bôeres, Winston Churchill, que nesta época era repórter de um periódico inglês chamado “MORNING POST”, foi feito refém dos guerrilheiros conhecidos como *Kommandos*, Baxter (1942), Quando se tornou Primeiro Ministro da Grã-Bretanha ele comandou que fosse criado um grupo de soldado com base nos guerrilheiros dos sul-africanos.

Churchill de 1940, a solução, com certeza, estava lá: unidades pequenas, integradas por homens supertreinados, audaciosos, resolutos equipados apenas com as melhores armas que pudessem carregar, principalmente, de tomar a iniciativa. Pouco numerosos, os comandos podiam surgir onde o inimigo não os esperava, e empreender ações pontuais, rápidas, à noite. (DENÉCÉ, 2009, p. 41).

O então primeiro Ministro Inglês, resolveu criar um grupo de soldados para desempenhar funções especiais eles ficaram conhecidos como comandos, em

referência aos guerrilheiros sul-africanos. Este grupo era formado por voluntários, não importando sua nacionalidade.

Homens da infantaria, da artilharia, da marinha e da aviação, gregos e holandeses, russos e britânicos, noruegueses e polacos, operários e engenheiros, todos estão prestando seus serviços a mais nova organização do exército inglês. (BAXTER, 1942, p. 31).

Para ser candidato ao curso de comandos, o militar teria que ser voluntário e teria que demonstrar que tinha as qualidades necessárias para ser um “comando”.

A resistência e a sagacidade de um índio, a agilidade física de um acrobata, a eficiência mecânica de um engenheiro, a capacidade de absorver terríveis punições físicas e ainda ter forças para devolver com dupla intensidade os golpes recebidos, essa são as qualidades que devem ser demonstradas por um homem, antes de ser alistado como lutador de um “comando”. (BAXTER, 1942, p. 31).

Os voluntários eram submetidos a rigorosos testes médicos e mentais, nos quais os resultados mostravam “que é um atleta, e que sua inteligência é sagaz, que sua vista é perfeita e que seu ouvido percebe os minúsculos ruídos e sabe distingui-los, no meio de outros, que o seu coração é mais regular que um bom relógio e que seus nervos são capazes de suportar cargas enormes” Baxter (1942).

Como era uma tropa composta por poucos membros e seu emprego era para missões de grande importância, e com uma dificuldade altíssima desgastando os soldados, os treinamentos que foram dados a eles era difícil, levando ao cansaço extremo.

O voluntário a “comando” sobe e desce montanhas, por muitos dias, guiado por alpinista famoso, que lhe ensina a técnica precisa para a escalada. O treinamento para a subida de rochas íngremes, à noite ocupa muitas destas e, não raro, o candidato volta para o campo com as mãos feridas e cheias de terra. O ensino, para esta classe de conhecimento, compreende tudo o que pode ser útil, mais tarde, ao voluntário. [...], Leva-o para a floresta, onde lhe ensina tudo o que lhe possa ser útil, numa luta, no meio das selvas. (BAXTER, 1942, p. 33-34).

Mesmo com os Comandos houve a necessidade da criação de outro grupo de missões especiais, foi aí que surgiu a ideia para a criação do grupo SAS (Special Air Service – Serviço Aéreo Especial).

A iniciativa mais significativa veio de um oficial subalterno, David Stirling. [...] tinha o mérito da simplicidade: a fim de realizar missões para as quais a doutrina militar britânica tradicional julgava indispensável, o jovem oficial recomendava empregar patrulhas de 40 soldados audaciosos, resolutos, supertreinados e experimentados na utilização de métodos pouco ortodoxos, e que, além disso, soubessem operar com pouco suporte

logístico e fossem capazes de utilizar todos os meios de infiltração. (DENÉCÉ, 2009, p. 44-45).

2.3 OPERAÇÕES ESPECIAIS NO BRASIL

Para falar de Operações Especiais no Brasil temos que voltar no século XVII, por volta de 1624, quando o Brasil ainda era colônia, quando ocorreu a invasão holandesa. O Brasil tinha uma guerrilha organizada e liderada pelo bispo de Salvador, D. Marcos de Mendonça, e era comandada por D. Fradique de Toledo Osório.

As forças de D. Marcos eram comandadas por combatentes das “Companhias de emboscada”. Entre eles destacou-se a figura do Capitão Francisco Padilha, brasileiro nato, que se notabilizou por ter conduzido inúmeras ações ofensivas muito bem sucedidas, caracterizadas pela surpresa na execução e por uma intensa ação de choque. (DUNNINGAN, 2008, p. 18).

Em dezembro de 1957, foi realizado no Brasil o primeiro Curso de Operações Especiais, que foi ministrado no Exército Brasileiro e coordenado pelo então major paraquedista Gilberto Antonio Azevedo Silva. O curso foi concluído em 1958, onde 16 dos 35 inscritos conseguiram lograr êxito.

Planejado e conduzido por uma equipe de instrutores e monitores do então curso de Precursor, no Centro de Instrução Especial do então Núcleo da Divisão Aeroterrestre. Este curso, concluído em meados de 1958, com a formação de 16 militares, viria a se tornar o embrião dos futuros Cursos de Ações de Comandos, Forças Especiais e Operações na selva, além de influenciar significativamente o futuro preparo de nossas unidades no ambiente operacionais de montanha, caatinga e pantanal. (DUNNINGAN, 2008, p. 19).

2.4 OPERAÇÕES ESPECIAIS NA POLÍCIA

Com a evolução das organizações criminosas no Brasil, as forças policiais foram obrigadas a criar unidades especializadas para combatê-las. Assim, surgiram os de Operações Especiais de Natureza Policial.

Os grupos especiais de natureza policial possuem objetivos bem distintos dos militares: salvar vidas e fazer cumprir a lei. Sua principal vocação não é matar o inimigo ou causar destruição. Suas missões e, por conseguinte, seu propósito é desarticulação das organizações criminosas, pôr fim em conflitos, capturar criminosos, resgatar reféns, retomar pontos e instalações (moveis e imóveis), fazer segurança de pessoas e lugares, sobreviver em ambientes hostis. (BETINI e TOMAZINI, 2010, p. 25-26).

Um dos Grupos de Operações Especiais mais conhecido e antigo do Brasil é o Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Rio de Janeiro, que teve suas atividades iniciadas em 1978, sendo denominada primeiramente como Núcleo da Companhia de Operações Especiais (NuCOE). Em 1982, o NuCOE foi transferido para as instalações do Batalhão de Polícia de Choque, sendo seu nome alterado para Companhia de Operações Especiais (COE), e em 1991 foi transformado em Batalhão de Operações Especiais (BOPE).

No Brasil, O BOPE é uma unidade especializada na técnica de progressão em favelas e locais de difícil acesso. Atua no âmbito do Estado do Rio de Janeiro, com sede na cidade do Rio de Janeiro. A unidade é regida pelo militarismo, o que lhe garante uma estrutura estável. A unidade conta com aproximadamente 450 policiais combatentes. Regras militares de sucessão e ingresso na unidade reduzem a incerteza quanto ao futuro e asseguram a legitimidade do comando. O perfil da liderança é caracterizado por gestores de crise. Em combate, os líderes se posicionam na retaguarda para a manutenção do comando e controle de toda a operação. (ZANINI, MIGUELES e COLMERAUER, 2014, p. 18).

2.5 INÍCIO DAS OPERAÇÕES ESPECIAIS NO ESTADO DE GOIÁS

No estado de Goiás, o início das Operações Especiais foi na década de 80, após um evento marcante no estado, o sequestro do garoto Said Agel Filho. A partir desse fato houve a necessidade da criação de um grupo especializado, nomeado de Grupo Antissequestro (GAS). Suas atividades iniciaram-se em 1989 o Grupo era uma unidade pertencente a 3ª Companhia Independente de Polícia Militar – Companhia de Operações Especiais, que anos mais tarde seria transformada em Batalhão de Choque. Souza (1999).

Com a chegada dos anos 90 foi criado o Batalhão de Choque e dentro das unidades subordinadas a ele estava a 2ª Companhia de Operações Especiais, esta contava com 25 militares que formavam o GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais). Eles exerciam as funções características das Operações Especiais, tais como roubo com refém, operações antissequestros e antibomba. Souza (1999).

No ano de 1994, três policiais militares do estado de Goiás foram enviados ao Paraná com o objetivo de realizar o curso regular de Operações Especiais na corporação Policial Militar daquele estado. Concluindo com aproveitamento e sendo os primeiros policiais goianos a possuírem o curso e também os primeiros oficiais militares no Brasil a concluir o curso na sua forma regular.

Em 2005, na então 2ª Companhia do Batalhão de Choque, começou o planejamento para o 1º Curso de Operações Especiais, que foi coordenado e preparado pelos Oficiais possuidores do curso regular de Operações Especiais. Foram escolhidos 15 policiais militares pertencentes ao GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais), os quais já eram detentores de experiência no desenvolvimento da atividade fim da Companhia. Apesar das grandes dificuldades imposta pelo curso, os policiais militares se formaram no 1º Curso de Operações Especiais realizado pela PMGO, sendo eles denominados de Caveiras, como são chamados os militares que conseguem lograr êxito ao fim do curso.

No ano de 2013 a 2ª Companhia do Batalhão de Choque, se torna independente, e passa a ser chamada Companhia Independente de Operações Especiais. As atribuições dela em Goiás destacam-se pelo combate ao crime organizado, mais especificamente nas atividades de ações do Grupo Tático (sequestros, roubos a instituições financeiras com reféns), Gerenciamento de Crises (negociadores), e Explosivistas (ocorrências envolvendo artefatos explosivos).

Já em 2014, com o crescimento das ocorrências que envolviam as operações especiais foi criado, por meio da Portaria nº 005981 do Comandante Geral da PMGO, o Batalhão de Operações Policiais Especiais (BOPE). A unidade é composta por três companhias.

Na 1ª Companhia de Operações Especiais (COE), que fazem parte os policiais militares possuidores do Curso de Operações Especiais (COEsp) ou Curso de Ações Táticas Especiais (CATE). Para se candidatar ao COEsp, conhecido também como caveira, é preciso ser voluntário, apto nos exames médicos, físicos e psicológicos e, depois de aprovado nessas fases, o candidato é matriculado no curso, que tem uma carga horária acima de mil horas aulas e duração média de 17 semanas. Já para se candidatar para o CATE é preciso ser voluntário, apto nos exames médicos, físicos e psicológicos. Depois de aprovado nessas fases o candidato é matriculado no curso, que tem uma carga horária de 516 horas aula e duração de sete semanas, dividido em três fases.

Já na 2ª Companhia de Atiradores de Precisão (CAP), formada pelos militares possuidores do Curso de Atiradores de Precisão (SNIPER) e são empregados em ocorrência que necessita que o infrator da lei seja neutralizado com tiro preciso.

E, por último, a 3ª Companhia Antibomba (CAB), que é composta pelos técnicos explosivistas, que atuam nas ocorrências que envolvem qualquer artefato explosivo. As mais comuns são as de explosão de caixa eletrônico.

3 RESULTADO E DISCUSSÃO

Segundo Denécé (2009), as Operações sempre existiram, não com esse nome, mas com a mesma missão, a de utilizar pequenos grupos para cumprir missões de natureza especial, que poderiam trazer resultados que mudariam o curso das batalhas que estavam acontecendo. Esses grupos utilizavam técnicas de sabotagem infiltrando-se nas linhas inimigas e dessa forma cumpriam as tarefas das quais haviam sido empenhados.

No século XIX, na Guerra dos Bôeres, surgiram os guerreiros da República sul-africana, conhecidos como Comandos, esses soldados lutaram contra o exército inglês e se destacavam pela sua agilidade, conhecimento do terreno, atiravam muito bem e eram muito resistentes, por isso os britânicos tiveram tantas dificuldades em combater esses guerreiros, Baxter (1942).

Anos mais tarde já durante a Segunda Guerra Mundial, o primeiro ministro inglês Winston Churchill, que era repórter na Guerra dos Bôeres determinou, que criasse uma unidade pequena com soldados em treinados para o cumprimento de missões de alto risco e de extrema importância, Com a devida determinação e depois do curso foi criado os Comandos, Baxter (1942), depois dos Comandos surgiu também SAS (Special Air Service), uma das unidades mais importante durante a Segunda Grande Guerra, foi uma unidade responsável por diversas ações contra o exército alemão, Denécé (2009).

No Brasil os primeiros dados de ações de Operações Especiais remetem ao Século XVII, uma guerrilha organizada e comandada por D. Marcos de Mendonça e comandada por D. Fradique de Toledo Osório. O Primeiro curso de Operações Especiais realizado no Brasil e desenvolvido pelo Exército Brasileiro, teve início em 1957 e terminou em 1958, dos 35 que iniciaram 16 conseguiram concluir o curso, Dunningan (2008).

Entre as Polícias brasileira que tem unidades de Operações Especiais, a mais conhecida é o BOPE do estado do Rio de Janeiro, criado em 1978 como NuCOE, logo depois em 1982 foi criada a Companhia de Operações Especiais dentro do Batalhão de Choque daquele Estado, somente em 1991 e que ele foi transformado como é conhecido hoje o Batalhão de Operações Especiais (BOPE). Um Batalhão especializado em incursão pelas favelas do Rio de Janeiro, Zanini, MIGUELES, Colmerauer (2014).

A história do BOPE em Goiás começa a ser criada no final da década de 80, criado depois do sequestro do garoto Said Agel Filho, ação realizada na cidade de Goiânia no ano de 1989, depois desse fato foi visto junto a PMGO a necessidade de uma unidade especializada para ações críticas como sequestros, roubos a banco, roubo com refém. Para isso foi criado o Grupo Antissequestro no ano de 1989, esse grupo pertencia a 3ª CIPM – COE, Souza (1999).

No início dos anos 90 dentro do Batalhão de Choque o GAS deixa de ser um grupo e é criada a 2ª Companhia de Operações Especiais, e contava com 25 militares que formavam o Grupo de Ações Táticas Especiais (GATE). Em 94 3 militares são enviados para outro estado da federação para realizar o Curso de Operações Especiais sendo os primeiros do estado a possuir o referido curso.

Em 2005 é realizado o primeiro Curso de Operações Especiais (COEsp) da PMGO, o curso foi planejado e coordenado pelos 3 oficiais que haviam feito o curso em 1994, sendo destacado 15 militares do GATE para fazer o COEsp, depois de conseguirem lograr êxito no curso os formandos são declarados “CAVEIRAS”, são assim chamados os militares que conseguem concluir o supracitado curso.

No ano 2013 foi criada a Companhia Independente de Operações Especiais (COE), e ela foi subdividida em grupo de negociadores que eram responsáveis pelo gerenciamento de crises, os explosivistas responsáveis por ocorrências envolvendo artefatos explosivos e o grupo tático que eram responsáveis pela parte de intervenção nos locais de crise.

Com o aumento das ocorrências em que a COE era empregada, foi determinado por meio da Portaria nº 005981 do Comandante Geral da PMGO, a criação do Batalhão de Operações Especiais (BOPE), onde ficou determinado que ele seria subdividido em três companhias, sendo a 1ª Companhia de Operações

Especiais, a 2ª Companhia de Atiradores de Precisão e a 3ª Companhia de explosivistas.

Através dessa pesquisa sobre a história do Batalhão de Operações Especiais do Estado de Goiás ficou notória a importância dessa categoria para a história da Polícia Militar, uma unidade composta por militares dedicados para cumprir todas as missões das quais são empregados, dando sempre o seu melhor, e demonstrando em prol da segurança da sociedade goiana.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho buscou apresentar a história do Batalhão de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado de Goiás, mostrando como surgiram as Operações Especiais, desde a antiguidade – com a utilização de Guerreiros para cumprir missões que poucos obteriam êxito. Como também como surgiram os grupos de operações especiais pelo mundo até o surgimento do Batalhão em Goiás.

Ao longo da pesquisa para a elaboração deste artigo, que foi feita através de obras bibliográficas, foi visto como é importante que os mais diversos tipos de Exércitos necessitem de soldados qualificados e que sejam responsáveis para cumprir missões de um grau de dificuldade elevada.

Por isso durante a Segunda Guerra Mundial esses soldados ganharam um destaque maior, e com o aumento da demanda das missões os líderes resolveram criadas grandes unidades, uma das que ganhou grande destaque foi a dos SAS, um grupo que foi formado depois de um longo treinamento e seleção para combater a tropa de paraquedistas alemã.

Logo após a Segunda Grande Guerra é realizado no Brasil o 1º Curso de Operações Especiais, este curso foi realizado pelo Exército brasileiro e contou com 35 inscritos e somente 16 conseguiram concluir o curso, após isto as forças policiais na década de 70 começaram a criar seu grupos de elite, um dos primeiros foi o do estado do Rio de Janeiro o NuCOE, Núcleo da Companhia de Operações Especiais, que anos mais tarde seria renomeado e ficar conhecido com Batalhão de Operações Especiais.

Na Polícia Militar do Estado de Goiás a necessidade de uma tropa especializada em ações críticas surgiu após um sequestro na cidade de Goiânia, e por isso foi criado o GAS (Grupo Antissequestro), grupo criado dentro da então Companhia de Choque, e que era responsável em atuar em ocorrências críticas como em sequestros, artefatos explosivos, entre outros.

Com o aumento da necessidade de emprego do GAS, a PMGO resolve então criar um grupo maior contanto com 25 militares e formaram o GATE (Grupo de Ações Táticas Especiais), destes 25 militares 15 foram selecionados no ano de 2005 para realizar o Curso de Operações Especiais da Polícia Militar do Estado de Goiás.

Após mais uma reformulação dentro da polícia, no ano de 2013, foi criada a Companhia de Operações Especiais que deixa de fazer parte do Batalhão de Choque e se torna independente, aumentando sua autonomia e tomada de decisões para emprego de sua tropa.

Com o objetivo de aumentar mais ainda o combate aos crimes de um elevado grau de perigo, em 2014 o Comando Geral da PMGO resolve criar o Batalhão de Operações Especiais, esta unidade seria dividida em três companhias com funções específicas, e seriam elas: a Companhia de Operações Especiais, a Companhia de Atiradores de Precisão e a Companhia de Explosivistas.

Cumpre, portanto, ressaltar a importância de se preservar a história do BOPE dentro da PMGO, unidade que conta com policiais militares que fazem de tudo para cumprir as missões das quais são empenhados, na busca de proteger a sociedade e proteger a imagem da Polícia Militar.

REFERÊNCIAS

BAXTER, Errol: **Comando Soldados da Liberdade**. 1 ed. Porto Alegre, Thurmman: 1942.

BETINI, Eduardo Maia; TOMAZI, Fabiano; **COT – Charlie. Oscar. Tango – Por Dentro do Grupo de Operações Especiais da Polícia Federal**. 1 ed. São Paulo, Ícone. 2010.

DE SOUZA, Cibeli: **O Anhanguera - Histórico da PMGO**. 1 ed. Goiás, Polícia Militar do Estado de Goiás, 1999.

DENÉCÉ, Éric: **A História Secreta das Forças Especiais**. 1 ed, São Paulo, Larousse. 2009.

DUNNIGAN, James F.: **Ações de Comandos – Operações especiais, comando e o futuro da arte da guerra norte-americana**. 1 ed, Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército Brasileiro. 2008.

<https://acervodigital.ssp.go.gov.br/pmgo/bitstream/123456789/402/4/Material%20Did%C3%A1tico%20-uedis%20Hist%C3%B3ria%20e%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20da%20PMGO.pdf>
acessado em 10/02/2018.